

# **Caminhos discursivos de Edir Macedo<sup>1</sup>**

Claudia Wolff Swatowski<sup>2</sup>  
(PPCIS/UERJ)

## **Resumo**

A partir do livro “Os mistérios da fé”, de autoria da principal liderança da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo Bezerra, procuro refletir sobre os caminhos discursivos trilhados pelo autor para, numa tarefa proselitista e persuasiva, apresentar a sua noção de fé. Se, por um lado, a partir do livro de Macedo, é possível falar do perfil do seu público-alvo, assim como das características do próprio autor; por outro, procuro chamar atenção para o fato de que aquele se propõe a realizar uma investigação deste tipo assume uma posição ambígua: a de pesquisador e a de receptor.

## **Palavras-chave**

Análise do discurso – recepção – meio e mensagem

## **Introdução**

As idéias apresentadas neste artigo se originam de uma dupla inquietação suscitada por uma publicação de autoria da principal liderança da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo Bezerra. “Os mistérios da fé”, editado pela Universal Produções<sup>3</sup> pela primeira vez em 1999, será foco de análise por múltiplos vieses. Destaca-se uma discussão em torno da concepção de fé apresentada por Macedo, das características de seu texto, assim como do próprio autor, e também um exame das condições em que esta análise é realizada. Minha preocupação é investigar os elementos que o autor utiliza para fazer sua exposição e a forma como se dirige aos leitores de seu livro, além de refletir sobre as propriedades desta comunicação mediada. Para tanto, assumo os desafios de falar de fé a partir de uma perspectiva das ciências sociais e de fazê-lo a partir de um texto de um líder evangélico. Iniciemos falando sobre ele.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Semiótica do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), Claudia Wolff Swatowski atualmente, é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, oferecido pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). Realiza pesquisas em torno do tema “Religião e mídia”, tendo a recepção dos meios de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus como seu principal foco de estudo.

<sup>3</sup> A Universal Produções, empresa criada pela IURD, edita e imprime as publicações dos membros da denominação, além de concentrar a produção do jornal Folha Universal, do portal eletrônico Arca Universal e das revistas Ester, Plenitude e Obreiro de Fé.

O auto-intitulado bispo, um dos fundadores da IURD em 1977, até hoje publicou 34 livros, que venderam cerca de dez milhões de exemplares<sup>4</sup>. A maioria é de textos curtos, onde Macedo articula suas interpretações da bíblia – que inclui abordagens sobre Deus, Espírito Santo, demônios, pecado, perdão, sacrifício, apocalipse –, e apresenta uma projeção do perfil ideal de seus seguidores – do homem, da mulher e da família de Deus. Principal formulador da doutrina difundida pela denominação (neo)pentecostal, Edir Macedo escreveu “Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus”, editada em três volumes.

Importante ressaltar que, na IURD, não há escola teológica. O aprendizado dos que desejam seguir carreira na denominação ocorre principalmente na prática e de acordo com a hierarquia instituída<sup>5</sup>. Neste processo, verifica-se que os aprendizes procuram mimetizar pastores mais antigos, sendo Macedo, que desenvolveu um estilo próprio, um exemplo a ser seguido. As palavras do líder são reproduzidas e recriadas por outros bispos e pastores da IURD, no esforço de cativar multidões.

Como para os funcionários da Igreja, também não há grupo de estudos regulares entre os leigos, apenas, além dos cultos diários, reuniões voltadas para grupos segmentados (jovens, casais, crianças e etc). Neste cenário, as publicações da editora da Universal Produções aparecem como principal fonte de textos sobre a doutrina difundida pela Igreja.

“Orixás, caboclos e guias: Deus ou demônios?”, de 1990, um “best-seller” de Macedo, com três milhões de exemplares vendidos<sup>6</sup>, é, segundo o autor, “uma pregação impressa”<sup>7</sup>. O livro já foi bastante citado entre os pesquisadores da Universal, não tanto pelos números, mas principalmente por apontar o “caráter demoníaco dos cultos afro-brasileiros” (Campos, 1997).

Neste estudo, a escolha de “Os mistérios da fé” se justifica pela observação dos caminhos discursivos trilhados por Macedo, que percorre um trajeto tortuoso e inconstante para falar do que chama de “fé sobrenatural”. Dentre os elementos que o bispo elege para tecer sua argumentação, sobressai-se o flerte com a ciência e o trânsito pelo mundo secular. Num exame desse texto de Macedo, verifica-se que o autor faz

---

<sup>4</sup> Informações obtidas no site oficial de Edir Macedo (Acesso em: 07/09/2004).

<sup>5</sup> Ver Mafra (2002).

<sup>6</sup> Informações obtidas no site oficial de Edir Macedo (Acesso em: 07/09/2004).

<sup>7</sup> IGREJA Universal do Reino de Deus. Disponível em:<<http://www.igreja-universal.com.br>>. Acesso em: 02 out. 2004.

alusão a elementos que caracterizariam um desconstrutivismo pós-moderno ao mesmo tempo em que os insere numa lógica totalizante do mundo, através da qual fica é clara a perspectiva moderna do autor.

Para mostrar como isso se dá, opto por investigar a concepção de fé de Macedo tendo em vista que tal elemento frequentemente ganha centralidade na prédica dos pastores da denominação e em entrevistas com os fiéis. Tida como parte indispensável da vida daquele que frequenta a denominação, a fé resultaria em bênçãos e milagres, que, por sua vez, se transformariam em prova da fé do fiel.

### **Ambigüidade da recepção**

Colocando a obra de Macedo como ponto de partida deste *paper*, não poderia deixar de fazer algumas colocações quanto às especificidades e aos limites do método que adoto. A situação em que as informações chegam até mim (através de um livro) merecem relevância. Isto porque os principais dados deste estudo não foram coletados numa conversa com um “informante”, que seja, numa conversa com Macedo. Baseio-me num discurso tratado, produzido e elaborado pelo próprio bispo para ser publicado<sup>8</sup>.

A não-ocorrência de uma interação face-a-face com o meu “informante”, mas sim de uma comunicação mediada, implica, por um lado, na inexistência de todos os elementos que se agregam a um contato pessoal<sup>9</sup>, e na condição niveladora que a mediação implica, por outro. Além disso, diante de uma comunicação mediada, me encontro numa posição ambígua: a de pesquisadora e de receptora. Não sou apenas aquela que traduz e analisa, mas, antes disso, sou receptora da mensagem como qualquer outro leitor em relação ao seu contexto. Com isso quero chamar a atenção para o fato de que o pesquisador, ao tomar o texto de Macedo como fonte, não apenas opera na tradução, mas participa de múltiplos contextos de recepção. Pois o pesquisador não é apenas um acadêmico, mas aquele que transita por outras esferas e pertence a outros grupos sociais.

---

<sup>8</sup> Deve-se considerar que, antes da publicação, o texto passa por revisões. Em visita à Universal Produções, conversei com uma revisora sênior que trabalha na editora da empresa. Depois de dizer que a Universal Produções é uma empresa como outra qualquer, a funcionária ressaltou o que a diferencia: a existência de uma “maior preocupação ética”. Como exemplos do que queria dizer com isso, citou: não se publica ofensas e acusações e há cuidado no tratamento das informações (Swatowski, 2003).

<sup>9</sup> Ver Goffman, 2003.

Além disso, se de fato eu apreendo, de alguma forma, o conteúdo de um livro e se realmente há uma comunicação, é impossível que eu me coloque fora dela. Isto implica dizer que, além de cientista social, teoricamente, também sou uma “potencial conversa”, aspecto que pretendo deixar mais evidente com a análise do texto de Macedo.

Temos que pensar ainda que os livros publicados pela Universal Produções, em geral, são de circulação aberta, embora se saiba que sua distribuição comercial é restrita<sup>10</sup>. Ocorre que tais textos podem ser utilizados para o proselitismo, ser lidos por fiéis – seja qual for o seu perfil –, ser bibliografia de referência para um pastor que visa a uma prédica, assim como podem cair nas mãos de teólogos, sociólogos e comunicólogos, por exemplo. A mensagem contida num livro, por sua própria forma de publicação, é destinada a um grande público (urbano) e como tal, mesmo que dele se tire um perfil, sua heterogeneidade é certa em algum grau. Neste sentido, Macedo não é somente um bispo que fala para o “seu público”, para os frequentadores da Igreja, mas também alguém que fala com os “de fora”, aqueles que seriam os “potenciais conversos”.

### **Fé natural e fé sobrenatural**

A tradução da noção de fé elaborada por Macedo, como veremos a partir de agora, traz consigo referências de um mundo onde valores de ciência e razão estão em voga. Atenção aos elementos utilizados por Macedo para apresentar sua visão de fé nos dará pistas das estratégias proselitistas utilizadas pelo bispo e mimetizadas por seus seguidores, principalmente se considerarmos o modo como o autor traduz o que se nomeia fé.

Numa primeira definição de fé, Edir Macedo a associa à certeza, que seria sua principal característica. A certeza estabeleceria uma continuidade entre dois tipos de fé: a natural e a sobrenatural. “Basicamente a fé é uma certeza. Seja ela natural ou sobrenatural, sempre será um sentimento de certeza absoluta” (Macedo, 1999: 13). Ao longo desta análise, veremos em que medida fé e certeza são correspondentes ou não, no

---

<sup>10</sup> Há de se considerar a tentativa da editora de se mostrar inserida no mercado literário. No site da Igreja Universal (Acesso em: 02/10/2004), é citada a participação “bem-sucedida” da Universal Produções em duas bienais do livro, realizadas em 1999 e 2001, no Rio de Janeiro.

texto de Macedo. Por ora, basta salientar que, na concepção do líder evangélico, há algo em comum entre fé natural e fé sobrenatural.

Para a fé natural, o bispo fornece vários exemplos, que eu gostaria de explorar aqui. O primeiro deles: “quando nos levantamos pela manhã, inconscientemente manifestamos a fé natural, pois cremos que os nossos pés suportarão o peso do nosso corpo para nos moverem até o lugar que determinamos” (Macedo, 1999: 20). Aqui, o autor cria um distanciamento entre experiência e conhecimento, pressupondo que ao ficarmos de pé estamos exercitando a “fé”. Traduz o que seria um aprendizado do nosso corpo como uma ação que exige do indivíduo algum tipo de certeza, ainda que seja inconsciente. Ou seja, Macedo apresenta uma mediação para falar de um tipo de certeza – baseada na experiência do sujeito e que não se questiona dela própria –, que seria uma manifestação de fé. Neste caso, portanto, a fé é produzida através do próprio ato enunciativo de Macedo. É ao propor esta reflexão sobre o fato de nos colocarmos de pé sem duvidar que surge o que ele chama de fé natural; ao menos neste caso, uma fé que se constrói sobre a experiência.

Cito outros exemplos de Macedo para fé natural. Quando tomamos um ônibus, escreve o bispo, acreditamos que chegaremos no destino almejado; quando executamos um trabalho acreditamos que receberemos um pagamento por aquilo. Ele completa: “em tudo na vida, quer seja de forma direta ou indireta, existe uma manifestação de confiança” (Macedo, 1999: 21).

Tais ilustrações utilizadas pelo bispo se assemelham a exemplos mencionados por Anthony Giddens na obra “Das conseqüências da modernidade”, publicada no Brasil em 1991, para falar sobre a noção de confiança. A confiança, presente nas instituições da modernidade, se dá, segundo o autor, em relação ao que ele chama de “sistemas peritos”, que são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (Giddens, 1991, p.35). Para a pessoa leiga, a confiança é, em parte, um artigo de “fé” em sistemas peritos que independe de uma plena iniciação ou de um domínio do conhecimento produzido por tais sistemas.

A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou

eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico). (Giddens, 1991: 41)

A partir disso, Giddens vai pontuar que confiança não é o mesmo que fé na credibilidade de uma pessoa ou um sistema, mas sim o que deriva desta fé. O autor ressalta ainda que tal fé tem um elemento pragmático – uma avaliação baseada na experiência positiva em relação a tais sistemas –, que se alia a forças reguladoras, responsáveis por controlar qualidade, manter vigilância de padrões de produção, licenciar produtos, autorizar vendas e prestações de serviços e etc.

É preciso estar atento ao fato de que na confiança, diz Giddens, está embutida a idéia de risco e que aquele que confia num “sistema perito” tem cada vez mais noção de que ele pode falhar, sendo esta uma característica da modernidade. A confiança pressupõe a existência de um risco porque está vinculada à contingência – e, portanto, desprovida de certeza –, seja em relação a ações de indivíduos ou a operações de sistemas. Sua condição principal é a falta de informação plena.

Daí tiramos que o indivíduo moderno, que tem fé no conhecimento perito – desenvolvida através da própria experiência, e não teórica ou ideologicamente –, apresenta confiança no funcionamento dos sistemas peritos. A confiança – que deriva de uma consciência de que a atividade humana é criada socialmente, e não dada naturalmente ou por influência divina – aparece, segundo Giddens, como um elo entre fé e crença.

Façamos uma pausa aqui. Embora os exemplos até agora citados sejam abordados por Macedo de maneira uniforme, é preciso frisar o que os diferencia. Quanto ao primeiro caso, trata-se de uma referência à natureza, e a idéia de fé natural esboçada por Macedo é uma referência direta a um tipo de certeza. No segundo caso, além da fé na credibilidade de uma pessoa ou um sistema, temos a noção de confiança – que Macedo também chama de fé natural –, na qual está embutido o risco, consciente ou não. Pode acontecer de o ônibus enguiçar e eu não conseguir chegar ao meu destino, assim como posso não receber o pagamento pelo trabalho que realizei. Enfatizo aqui,

portanto, a diferença entre certeza e confiança<sup>11</sup>. Em ambos os casos, a fé não é explicitada ou vivenciada como tal, e aparece como construções teóricas ou retóricas.

Mencionaria ainda um terceiro tipo de ilustração de fé natural, apresentado por Macedo. “O paciente precisa de fé natural para se tratar com o seu médico, e o médico, por sua vez, também necessita da fé natural para tratar do seu paciente; pois como poderia receitar um determinado tratamento se ele mesmo não cresse no poder curativo da ciência?” (Macedo, 1999: 20).

Nessa citação, teríamos exemplos de confiança em “sistema peritos”, fé na credibilidade do médico e crença na ciência, sendo que esta última se torna mais explícita na situação do médico. De acordo com o que aprendeu na faculdade de medicina, o médico receita um remédio a um paciente porque possui informações produzidas a partir de experiências científicas sobre os efeitos daquele medicamento.

A noção de crença na ciência tem sido explorada, entre outros autores, por Bruno Latour. Para ele, a ciência é uma mediação e não uma apreensão direta da realidade; é uma tradução elaborada por cientistas a partir de experimentos produzidos em laboratório. A crença, diz Latour (2001, 2002), ocorre justamente sobre um conhecimento que é dado através de uma tradução, onde o sujeito e objeto da crença se colocam numa relação distante.

Importante explicitar que Macedo não se aproxima do argumento de Latour. Ao indicar uma crença na ciência, o bispo não o faz para desconstruir a noção de conhecimento científico, para dizer que a ciência *produz* certezas, mas sim no sentido de validar o seu discurso. Sugerindo que na relação com ciência existiria algo que é da ordem da “fé natural”, Macedo toma emprestada a validade da ciência para realçar o seu próprio discurso. Não a põem em cheque, como o faz Latour.

Pensemos de outra maneira a mesma questão. A crença seria necessária para a cura do paciente, mas não agiria sozinha. Se não houvesse a crença na medicina e na eficácia dos remédios, tanto por parte do médico tanto por parte do paciente, o profissional não receitaria o medicamento e o paciente não faria uso da medicação.

Assim, Macedo lança mão das idéias de que, mesmo na relação com ciência, o ser humano exercita sua crença; de que podemos atribuir fé a ações do indivíduo com o mundo natural; e de que exercitamos confiança nas instituições da modernidade. Seu

---

<sup>11</sup> Embora certeza e confiança estejam, nos exemplos discutidos, associadas ao natural e ao social, respectivamente, estes não são atributos fixos de cada um dos campos.

argumento é: no mundo secular haveria algo que pertenceria à mesma ordem da religião, que não estaria, porém, aparente, nem seria consciente. A partir disso, chama de “fé natural” um elemento que ora aparece associado à certeza, ora à crença, ou ainda à confiança.

Num exercício retórico, constrói a contraposição “fé natural” e “fé sobrenatural” para justamente tentar falar do que não consegue definir. “Não existe uma explicação razoável para a fé sobrenatural, apenas aquilo que a Bíblia diz, ou seja, que ela é a certeza de coisas que se esperam e a convicção de fatos que não se vêem” (Macedo, 1999: 21). Ao fazer isso, Macedo reúne aspectos do mundo secular e costura uma continuidade com concepções religiosas do mundo: ambos estariam permeados pela fé.

Ao dissertar sobre um elemento religioso que seria inexplicável, ou talvez intraduzível<sup>12</sup>, o bispo recorre a elementos que o senso comum considera não-religiosos e, com isso, mostra que há resíduos da religião no mundo secular, ou melhor, que a fé é elemento comum aos dois universos.

Poderia-se dizer ainda que, ao se propor a apresentar sua concepção de fé através de tal paralelo, Macedo opera uma tradução. Utiliza-se da oposição entre mundo físico e mundo metafísico, ciência e religião, como forma argumentativa de apresentar o que concebe enquanto continuidade entre ambos: a fé.

Não se trata que colocar em debate a possibilidade ou impossibilidade de tradução do elemento *fé*, mas sim de observar as opções feitas por Macedo para falar de fé. Neste sentido, é o fato de o autor de “Os mistérios da fé” apresentar um discurso que faz referências à ciência, à razão e ao mundo secular para colocar em palavras o que está definindo como fé – natural e sobrenatural – que quero sublinhar. Dentre as infinitas possibilidades discursivas dadas, forma feitas opções. Ainda que não totalmente consciente, tais escolhas nos dão pistas de características gerais do público visado por Macedo e do próprio autor, como veremos mais tarde. Por ora nos detenhmos à idéia de que, a partir dos exemplos dados por Macedo para “fé natural” e dos elementos agregados a esta nomeação é possível encontrar traços do perfil do público que pretende atingir com seu texto que, como já mencionado, é de ampla circulação e pode ser lido por convertidos e potenciais conversos em diversas situações.

---

<sup>12</sup> Para Latour (2002) a fé seria intraduzível, pois se trata de uma experiência direta do sujeito, e qualquer tradução da fé traria uma mediação. A fé proporcionaria ao indivíduo uma experiência que é sempre da ordem do presente, única e próxima ao sujeito.

Para melhor abordar o assunto, recorro, a partir de agora, ao artigo de Alfred Gell intitulado “A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas” (2001), no qual o antropólogo coloca lado a lado artefato e obra de arte numa via de mão dupla. O trabalho de Gell vem me auxiliar a pensar a possibilidade de uma analogia entre o texto de Macedo e uma armadilha, e equiparar o proselitismo a uma caçada. Há inúmeros elementos que me autorizam a fazer tal analogia, como veremos a seguir. No entanto, é importante frisar de antemão, que não se trata – pelo menos não tenho esta intenção – de uma investida reducionista. Da mesma maneira que Gell, ao fazer uma ponte entre armadilha e obra de arte, não o faz para desprestigiar um ou outro, encontro na análise da armadilha a possibilidade de um paralelo que explicita alguns aspectos de uma comunicação mediada com objetivos proselitistas.

Levando em consideração o caráter proselitista de “Os mistérios da fé” e a tentativa de convencimento de potenciais conversos como principal marca de tal atividade, supõe-se que um texto proselitista deva ser persuasivo e capaz de gerar interesse por parte do receptor. Para que seja considerado eficaz, ainda deve gerar uma adesão ou uma correspondência por parte do receptor.

A intencionalidade de “ganhar almas” na utilização da comunicação mediada é consenso e até chavão entre os membros da Universal – assim como a intencionalidade da captura é óbvia na presença da armadilha a espera da presa. Nesta empreitada, contudo, é preciso atrair e conquistar o leitor, da mesma forma que se atrai a presa para perto da arapuca ou se coloca uma armadilha no local de sua passagem. A necessidade de recorrer a elementos que interessem ao leitor e o foco na expansão da comunicação mediada se justificam diante disso.

Gell mostra que é preciso também que a armadilha esteja de acordo com a forma do animal a ser capturado para que ela funcione. Da mesma maneira, poderia se pensar que o discurso proselitista deve ser adequado e contenha características do seu público-alvo. Para que a armadilha cumpra seu papel, ela deve estar de acordo com a forma e o comportamento da presa que se tornará vítima. A armadilha deve ter uma forma que atraia e acomode o animal. Neste sentido, a armadilha é um modelo da caça – uma representação da própria vítima – e revela tanto as características daquele a ser capturado, como o fato de que o caçador conhece as respostas habituais da vítima e é capaz de subvertê-la (Gell, 2001). Da mesma forma, o livro de Macedo – objeto

mediador da comunicação entre a liderança da IURD e o seu público-alvo – comunica ausência daquele que a idealizou, assim como a ausência daquele que se pretende cativar. Tanto o público leitor de “Os mistérios da fé” não está diante de mim, como também não está pessoalmente o seu autor, de maneira semelhante a uma armadilha deixada engatilhada pelo caçador ausente.

Se persistirmos na analogia entre o texto de Macedo e a armadilha, poderia ser dito que a argumentação do bispo apresenta traços característicos do indivíduo que a denominação visa a capturar, e que a habilidade retórica e o conhecimento que detém do seu público-alvo estão implícitos no texto do bispo. Assim, se Macedo se volta para aspectos naturais, sociais e científicos em busca de exemplos com os quais inicia seu texto sobre fé, há de se pensar que, de alguma maneira, estes são elementos que estão disponíveis no imaginário do potencial converso a quem Macedo pretende se dirigir, e sua menção é, de alguma forma, atrativa.

### **Fé, ciência e conhecimento intelectual**

Se, através da análise da ideia de fé natural, foi possível delinear alguns traços do tipo de leitor ao qual Macedo está se dirigindo, as colocações do líder da Igreja Universal em relação ao conhecimento intelectual nos acrescentará informações sobre o próprio autor. Já havia apresentado algumas questões que Macedo suscita no que diz respeito à fé e à ciência quando abordei o exemplo de “fé natural” em que há alusão à noção de crença na ciência. Partirei agora para um exame de outro trecho de “Os mistérios da fé” onde os dois termos (fé e ciência) aparecem num outro contexto.

Ao mesmo tempo em que Macedo tenta estabelecer pontos em comum entre mundo secular, mundo natural e religião, ele opõe conhecimento científico e fé. Escreve que “a fé é a certeza de algo que não vemos”, enquanto a ciência “se fundamenta em fatos reais, concretos e visíveis” (MACEDO, 1999: 17). Ao contrário de Latour (1997) para quem a ciência não tem nada a ver com o diretamente visível, mas sim com aquilo que é produzido em laboratório – e, portanto, é tornado visível artificialmente – Macedo mantém uma visão de mundo onde a religião lida com o sobrenatural e com o invisível, enquanto a ciência se detém ao real, concreto e visível. Como já havia pontuado anteriormente, o bispo menciona uma relação de continuidade entre fé e ciência que não

chega a se explicitar em seu texto. O que se verifica é que justamente o inverso se torna dominante. É sobre a oposição entre fé e ciência que se organiza o discurso de Macedo.

Na dificuldade de conciliação entre mundo secular e experiência religiosa, Macedo escreve: “quanto menor for a sua bagagem de conhecimento intelectual, maior espaço haverá para as manifestações da fé sobrenatural” (MACEDO, 1999: 33). Macedo não afirma que o conhecimento intelectual é falso, nem dúvida das experiências científicas. Pelo contrário, incorpora estes elementos na sua abordagem sobre “fé natural”. No texto de Macedo, o conhecimento intelectual não é contestado, mas sim desvalorizado. O autor questiona a importância deste perante o conhecimento religioso, ao mesmo tempo em que a dedicação à conversão e o engajamento do indivíduo numa vida espiritual ganha relevância. Neste sentido, há uma desvalorização da razão.

Dito isto, parece-me evidente que Edir Macedo não adere a um discurso pós-moderno e não abre espaço para ambivalências e contingências (Bauman, 1991). Ao invés disso, mantém uma argumentação tipicamente moderna, num discurso em que o religioso é mostrado como a única versão possível da verdade, à qual estariam subordinadas todas as outras esferas da vida social. Macedo não solapa a autoridade da ciência, mas escreve um texto no qual sua visão de mundo se pretende ser superior ao conhecimento cético, invocando a intolerância e a exclusão.

## **Fé ativa**

Vimos, até agora, que a partir de “Os mistérios da fé” é possível conhecer um pouco de seu autor, de seu público-alvo e das estratégias comunicacionais utilizadas pela principal liderança da Igreja Universal. À luz das da investigação de Alfred Gell sobre armadilhas e obras de arte, considere que o texto de Macedo, embora não tivesse a intenção de comunicar tais informações, pode ser considerado um signo.

Prosseguir na análise do discurso de Macedo tem como objetivo mostrar que direção toma a narrativa do bispo. Pois, se Macedo inicia “Os mistérios da fé” buscando referências no mundo secular para falar sobre a existência da fé e defini-la, seu texto, posteriormente, é encaminhado para uma abordagem sobre o exercício da fé, que passa a ser diretamente associada à ação – aquele que tem fé deve praticá-la e demonstrá-la.

Macedo não recorre mais à polarização ciência/religião, secular/religioso, e finaliza apontando para uma concepção de fé como prática ritual, que procurarei agora explorar.

A fé passiva (“fé morta”) – considerada uma característica da corrente protestante (Mariz, s/d) – é desclassificada por Macedo, que diz que é preciso “exercitar a fé” para que não ocorra a “morte espiritual”. No exercício da fé, o crente tem de, primeiramente, ser obediente à Palavra de Deus, e também de ter coragem “para fazer o que se tem que fazer” (Macedo, 1999: 56), o que inclui o sacrifício – “atitude corajosa que mostra a sua fé” (Ibidem).

A atitude de fé (“fé viva”) daquele que é obediente está associada ao sacrifício, incluindo o “sacrifício do intelecto” – que, segundo Weber (1979), constitui um traço decisivo e característico do crente praticante. Sobre o tópico “Fé: um exercício de loucura”, Macedo escreve que a fé sobrenatural “não tem nada a ver com a razão, pois com ela se obedece à Palavra de Alguém invisível” (Macedo, 1999: 49). Para o autor, que vem afirmar a irracionalidade da fé, é unicamente através da fé que é possível a ligação entre o ser humano e Deus, o que não se concebe racionalmente justamente por se tratar “daquilo que não se vê”. Sendo assim, sacrificar a racionalidade é necessário àquele que quer uma “ligação com Deus”.

Segundo Macedo (1999: 45), “a fé que dispensa o sacrifício é a fé farisaica e antibíblica. É como mar sem água; como céu sem estrelas; como um corpo sem espírito...”. Com isso, Macedo atrela fé e sacrifício, o que constitui o laço do fiel com o sagrado, na concepção iurdiana. A prática irracional da fé, via sacrifício, é considerada uma forma de ação do crente sobre o seu presente e futuro, que pode ser moldado pelo próprio fiel. Isto porque a “fé ativa”, termo empregado por Kramer (2001), também se revela na concretização de projeções e desejos individuais.

Há garantias de Deus de que tudo é possível através do poder da fé. De fato, ela é a energia divina dentro de nós, que nos privilegia com o direito de projetarmos o nosso futuro. A partir do momento em que a pessoa investe na fé, toma posse da autoridade divina para determinar tudo aquilo que deseja e quer. Pela fé é possível visualizar o futuro e estabelecer metas a alcançar, mesmo que, naturalmente, as condições não existam ou sejam adversas para tal. Nesse aspecto, a fé

é a ferramenta com a qual se fabrica e molda o destino do jeito que se quer. (Macedo, 1999, p.54).

A fé sobrenatural se torna uma alavanca para tornar o projetado em realidade, o desejado em consumado, o invisível em visível – e “aí está o grande poder da fé: trazer à existência as coisas que não existem” (Macedo, 1999: 16). Nesse contexto, a fé sobrenatural aparece como *poder* alcançado pelo indivíduo – de ataque e de defesa, que pode ser usado para fazer o bem ou fazer o mal – que se combina com potência de Deus para a intervenção no mundo, sempre em relação ao futuro. Nesta perspectiva, nota-se uma mudança teológica da onipotência de Deus para a do indivíduo (Kramer, 2001), que se soma a uma concepção de indivíduo como portador de livre-arbítrio e responsável por suas condições de vida futuras *não* pré-destinadas.

### **Considerações finais**

Apresentei aqui uma breve análise interpretativa dos caminhos discursivos trilhados por Macedo para falar de fé. Os elementos escolhidos pelo autor ganharam relevância e, com isso, foi possível salientar algumas características da argumentação apresentada pelo líder evangélico em “Os mistérios da fé”. Na introdução de seu livro, o bispo ataca outras religiões, acusando-as de má fé ou ineficiência. Trata-se de um anúncio de que o discurso que se seguirá se pretende único portador da verdade. E a previsão se confirma.

O texto de Macedo passa a organizar e a dar sentido ao mundo, inclusive o secular, que é subordinado a uma perspectiva religiosa, que se apresenta através de uma oposição religião entre ciência, simplificada em termos do que é visível e do que é invisível, mantendo uma dicotomia tipicamente moderna.

Procurei mostrar que Macedo elabora a concepção de fé natural em oposição à fé sobrenatural a fim de mostrar que há algo em comum entre o mundo secular e o religioso. Costura certezas naturais, confianças sociais e crenças científicas, associando-as a apostas sobrenaturais. Numa primeira lida, pode parecer que o autor está se aproximando do desconstrutivismo contemporâneo. Talvez o faça, mas apenas provisoriamente. Macedo traz exemplos que se aproximam da perspectiva reflexiva.

Não os abraça, mas, com isso, valoriza e valida seu texto perante o leitor que transita por tais esferas.

Se o uso da imagem da armadilha como metáfora realmente faz sentido, é de se reconhecer que Macedo, como escritor de “Os mistérios da fé”, conhece as características do leitor que pretende seduzir e capturar através do proselitismo. A argumentação construída sobre a noção de “fé natural”, criada por Macedo e apresentada na primeira parte de seu livro, pode ser considerada uma tentativa de atrair o potencial converso. Além disso, assim como a armadilha revela as habilidades de quem a construiu e pode ser considerada um modelo de seu criador, o texto publicado por Macedo é uma apresentação do próprio autor.

Por outro lado, há de considerar que a presença da armadilha também traz consigo a ausência do homem que a idealizou. Ao contrário da caçada em que o caçador mira a presa, e do proselitismo face-a-face, onde ocorre a interação entre evangelizador e potencial converso, a mediação empregada no proselitismo é sinal de que o evangelizador está ausente fisicamente, mas se faz presente através do seu texto. Porém, em ambas as situações, de caçada com ou sem armadilhas, de proselitismo face-a-face ou mediado, a intencionalidade da captura é sempre presente. Porém a caçada com armadilha só é bem-sucedida quando a arapuca não é percebida como tal, mas somente os elementos atrativos que a compõem.

Diria ainda que assim como a armadilha que funciona bem é aquela que captura e detém a caça, a comunicação proselitista bem-sucedida atrai o potencial converso e o torna o fiel que exercita a sua fé. O indivíduo que demonstra adesão à doutrina iurdiana é aquele que investe na sua fé e a faz agir sobre o mundo. Bênçãos e milagres atribuídos à fé sobrenatural se tornam uma confirmação da própria fé do fiel.

Diante destas considerações, retorno para um dos primeiros pontos tratados neste *paper*, a questão da metodologia utilizada na elaboração deste estudo. Se estive diante da armadilha, se a examinei de perto tal aparato, a possibilidade de eu ter sido capturada sempre existiu. Num primeiro momento, atraída pela armadilha, talvez tenha até passado por dentro dela, porém não fui detida. (Provavelmente a armadilha não estivesse de acordo com a minha forma, e eu tenha escapado pelas suas frestas. Ou ainda é possível que a armadilha não estivesse bem feita, pois não foi capaz de deter a

caça). De qualquer maneira, sempre há um risco na investigação de armadilhas; riscos dos quais nem sempre estamos conscientes.

### Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. 1991. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

BISPO Edir Macedo. Disponível em: < <http://www.bispomacedo.com.br>>. Acesso em: 07 set. 2004.

GELL, Alfred. 2001. “A rede de Vogel: armadilhas como obras de arte e obras de arte como armadilhas”. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA**. Rio de Janeiro.

GIDDENS, Antony. 1991. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP.

GOFFMAN, Erving. 2003. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes.

IGREJA Universal do Reino de Deus. Disponível em: <<http://www.igrejauniversal.com.br>>. Acesso em: 02 out. 2004.

KRAMER, Eric W. 2001. **Possessing Faith. Commodification, Religious Subjectivity, and colectivity in a Brazilian neo-pentecostal church**. Chicago, The University of Chicago. (Tese de doutorado)

LATOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve. 1997. **A Vida em Laboratório – A produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

LATOUR, Bruno. 2001. “Thou shalt not take the Lord’s name in vain” – being a sort of sermon on the hesitations of religious speech. Disponível em: <<http://www.srhe.ucsb.edu/lectures/text/latourText.html>>. Acesso em: 07 jul. 2004.

\_\_\_\_\_. 2002. “Another take on the science and religion debate”. Disponível em: <<http://www.srhe.ucsb.edu/lectures/text/latourText.html>>. Acesso em: 03 jul. 2004.

MACEDO, Bispo. 1999. **Os Mistérios da Fé**. Rio de Janeiro, Universal.

MAFRA, Clara. 2002. **Na posse da palavra**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

MARIZ, Cecília L. S/d. **Mundo Moderno, Ciência e Secularização**. Manuscrito.

SWATOWISKI, Claudia. 2003. **A Igreja Universal do reino de Deus através da mídia: um estudo sobre emissão e recepção dos meios de comunicação de massa da Universal Produções**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (monografia de graduação)

WEBER, Max. 1979. “Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções”. In: **Ensaio de Sociologia**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores.